

Henrique Garcia Pereira

**MEMÓRIAS DO SÉCULO XX PARA A
CONTESTAÇÃO SATÍRICA DA ORDEM
VIGENTE NO SÉCULO XXI**

ÍNDICE

0. PROÉMIO	7
1. GENEALOGIA DE UM ESQUERDISTA DESALINHADO	15
1.1. Intrada	15
1.2. O Maio de 68 em Paris	17
1.3. Memórias de adolescência e infância	21
1.4. Prolongamentos de Maio de 68 em Lisboa	23
1.5. O bairro do Rego em finais dos anos sessenta	27
1.6. O pós-25 d'Abrial como momento revolucionário-lúdico	37
2. CONTESTAÇÃO SATÍRICA DO STATUS QUO DO SÉCULO XXI EM TERMOS POLÍTICO-ECONÓMICOS	43
2.1. Introdução histórica à dicotomia esquerda/direita	43
2.1.0. Nota prévia	43
2.1.1. A Grécia Clássica	45
2.1.2. Da ‘idade das trevas’ ao ‘iluminismo’	50
2.1.2.1. As instituições de raiz cristã e sua contestação	50
2.1.2.2. A idade moderna	57
2.1.2.3. O iluminismo e as revoluções do século XVIII	62
2.2. Debate do estado do mundo na viragem do século XX pela ‘esquerda festiva’	72
2.3. Exemplos de escárneo das instituições no nosso Portugal	77
2.3.1. Incidência sobre a sociedade do século XX	77
2.3.1.1. As anedotas do Salazar	77
2.3.1.2. O embuste dos sheiks do petróleo	79
2.3.1.3. O concurso da “vaca Cornélia”	80
2.3.2. Episódios grotescos da politiquice do século XXI	81
2.3.2.0. A <i>kakânia</i> ocidental	81
2.3.2.1. A política de um inflexível almirante apolítico	81
2.3.2.2. O venal e sonso chico-esperto (e seus cúmplices)	86
3. APOSTILHA PROPOSITIVA E CONCLUSIVA	95

0. PROÉMIO

De acordo com a matéria temática sugerida pelo título deste texto, que revela um conteúdo detalhadamente anunciado e cuidadosamente articulado, tecí uma trama que relaciona entre si dois tempos da minha vida imersa na história do ocidente.

O primeiro tempo corresponde às décadas de 60 e 70 do século xx, em que a minha adolescência/juventude foi pautada pela emergência de uma postura radical de confronto sistemático com o sistema capitalista, em termos não sectários e lúdicos. Bafejado em Paris pelo espírito de Maio de 68, trouxe – para os fragmentos de Lisboa que despertavam da letargia salazarente – alguma contestação da ditadura em termos colectivamente irreverente, praticada em particular no Técnico. Quando vivi a festa do 25 d'Abrial, adaptei às condições da minha cidade a ideia libertária renascida em *Mai68* e embarquei decisivamente na situação pré-revolucionária de 75.

No segundo tempo, iniciado com o século xxi, deparei-me com o fortalecimento de movimentos na esfera da extrema-direita que tomaram o poder em algumas regiões, estabelecendo regimes autoritários e violentos que espezinharam as gentes e exportam uma fétida doutrina orientada para a instalação da peste universal. Em face desta ameaça, e perante a inoperância do combate antifascista das várias correntes da esquerda ortodoxa e do centro social-democrata, proponho uma acção marcada por um sarcasmo

desmedido em que é posta a nú a ideologia da classe dominante e as suas excrescências mais imbecis. Esta acção, apoiada num infinito amor pela liberdade, opõe-se decididamente a qualquer autoritarismo e a todo o tipo de violência, tendendo a impulsionar qualquer campanha contra o *status quo* que tenha por objectivo ridicularizar, em termos culturais, a superestrutura capitalista.

Em termos da estrutura formal, inspirei-me para este texto no belíssimo livro do Neruda (Fig. 0.1) para compor a minha sinfonia da viragem do século, em que o número de poemas é irrelevante em face da prosódia, e em que o desespero da canção final é temperado por um sarcasmo demolidor.



Fig. 0.1 – Inspiração para este texto.

No que diz respeito às ‘influências’ à la Philip Roth, posso dizer que este livro deve tanto a escritores da ‘baixa’ como da ‘alta’ cultura, pleiteando para que os seus representantes deixem de ‘estar de costas voltadas’, como expresso literalmente na Fig. 0.2.



Fig. 0.2 – Agatha Christie e Arthur Miller.

Na Fig. 0.3 apresento uma *collage* de poses em escrita de dois revolucionários americanos que souberam combinar incendiariamente a ‘alta’ com a ‘baixa’ cultura, apontando para a mesma direcção em que a contestação do capitalismo se une explosivamente com a proposta de vias libertárias para a sua superação.



Fig. 0.3 – Bob Dylan e Charles Bukowsky.

Estas linhas emergiram da prática da escrileitura que exerce quotidianamente a partir do início do século XXI, numa simbiose vivificante entre as duas actividades que surgem entrelaçadas na Fig. 0.4, num *feedback* positivo que leva à ESCRITA de um caleidoscópio que evidencia inúmeras versões, entre as quais, este texto.

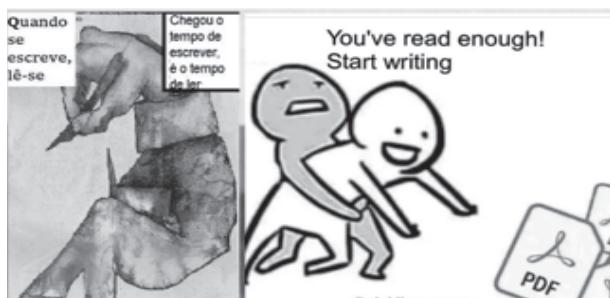


Fig. 0.4 – Alegorias legendadas da escrileitura.

Para sair do *loop* onde se dispõem as sucessivas versões e produzir o livro ‘final’, tenho sempre usado uma ‘técnica’ que consiste na leitura em voz alta do texto em análise, até obter um significante harmonioso prenhe de significado. Alinho assim com o procedimento proposto pelo Umberto Eco, que passa longos dias na sua biblioteca a ler os seus textos em voz alta, antes de mandar os originais para a tipografia (Fig. 0.5).



Fig. 0.5 – Umberto Eco na sua biblioteca a ler os seus textos.

Em paralelo com o diálogo com a leitura, cada uma das versões pode ser vista como uma ‘visita’ guiada à multiplicidade do meu SER que resulta de uma auto-desconstrução feita por uma lengalenga comigo mesmo, num ritmo sincopado à maneira do improviso jazzístico, em conversas íntimas que são ‘como as cerejas’.

À escala macro, o meu *modus legendi* desenvolve-se no vasto *open space* que é o meu escritório (metaforicamente representado na Fig. 0.6), feito para acolher desordenadamente a miríade de livros que tenho adquirido ao longo das décadas, sem que uma qualquer abominada (e auto-proibida) triagem conduza à criação de mais espaço (este

escritório sem limites imita desajeitadamente o ‘universo em expansão’ dos físicos teóricos).

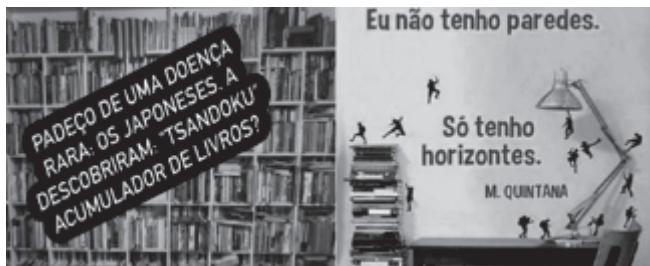


Fig. 0.6 – Metáforas do meu escritório (a oriente e a ocidente).

A autoficção emanada neste texto é obviamente subjetiva, resultando numa sábia dosagem de representantes da ‘baixa e alta’ culturas, como está simbolizado na Fig. 0.7 (na sequela das Fig. 0.2 e 0.3).



Fig. 0.7 – Hergé e Proust contribuem para a minha autoderrisão.

Quanto ao *modus scribendi* à escala micro, a narrativa é passada a escrito ao correr do teclado, sem medo da repetição de palavras idênticas (ou parecidas), que vêm sublinhadas nesta versão para reforçar a sua importância no texto e fazer ressaltar a recusa de qualquer pesquisa de sinônimos aproximados, que acabam sempre por desvirtuar a ideia

(como aprendi com a literatura anglo-saxónica). De resto, o ***bold*** é usado para denotar significantes ‘fortes’, e o ***UPPER CASE*** para acentuar certas coisas que quero fazer ressaltar no texto.

No que diz respeito aos ‘sinais de pontuação’ que adotei nesta versão, a par das “aspas” que marcam uma citação, destacam-se – pela incessante reiteração – as volúveis ‘plicas’, que são ‘sinal de estranheza’ perante *clichés*, plebeísmos e ‘significados discrepantes’, marcando uma ampla versatilidade que envolve frequentemente uma certa ironia.

Utilizei abundantemente no texto marcas de interrupção do discurso – como os parêntesis e o duplo travessão – delimitando expressões intercaladas que tomam um lugar adequado na sequência que quero exibir.

As Figuras que usei profusamente neste livro para ancorar a sequência de palavras são *collages* feitas a partir de secções de fotos e de *SCANS* do meu arquivo, combinadas – por um programa de edição de imagens – com representações íconotextuais obtidas no *Google* (que se torna assim – através da simples aplicação da ‘inteligência natural’ – num eficaz utensílio de apoio à construção do tipo de hipertexto aqui apresentado em suporte-papel). Todas as Figuras são ‘chamadas’ a partir do texto alfanumérico através de um número de ordem em cada capítulo, que permite a sua referenciação ao longo do livro. A narrativa aqui apresentada é, pois, uma combinação virtuosa de palavras e imagens, em que os dois constituintes têm um estatuto equivalente (e em que as legendas ligam com o miolo do texto, evitando que as ilustrações sejam meras ilustrações, ‘a boiar’ na página).

Neste livro perpassam inevitavelmente ecos (palavras soltas ou frases grafadas em itálico) dos idiomas que conheço, sem atender ao ínfimo requisito de obediência a um qualquer idioma pátrio, ao arrepião de algum paroquialismo pessoano na linha dos rebanhos à la Alberto Caeiro (Fig. 0.8).



Fig. 0.8 – Fernando Pessoa eivado de algum nacionalismo ruralizante num dos seus heterónimos.

Vejo-me assim na linha de Olivier Rolin, o escritor cosmopolita que também não quer preservar a ‘pureza de qualquer língua’, abrindo-a a todas as influências que lhe dão som e sentido (Fig. 0.9).

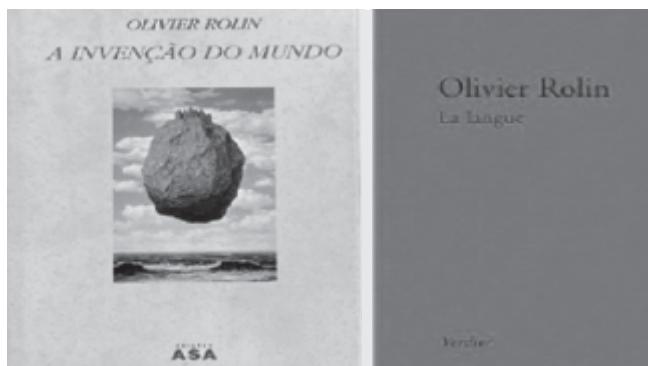


Fig. 0.9 - Livros abertos ao mundo pela miscigenação das línguas que alimentam a escrita.



COMPANHIA
DAS ILHAS

terceira margem nova série | 015

Henrique Garcia Pereira

MEMÓRIAS DO SÉCULO XX PARA A CONTESTAÇÃO SATÍRICA DA ORDEM VIGENTE NO SÉCULO XXI

© Autor e Companhia das Ilhas

Edição 357

terceira margem | nova série 015

1.º Edição AGOSTO de 2025

1.º Tiragem AGOSTO de 2025

Design gráfico e paginação CAM

Fontes

Corpo do texto Swift

Outros elementos Geliat ■ Quick Sand ■ Myriad Pro

Impressão e acabamentos EUROPRESS. INDÚSTRIA GRÁFICA

Depósito legal 552 086 / 25

I S B N 978-989-9154-84-1



COMPANHIA
DAS ILHAS

Rua Manuel Paulino de Azevedo e Castro, 3

9930-149 LAJES DO PICO

Telefones ■ Rede móvel: 912 553 059 | 917 391 275 ■ Rede fixa: 292 672 748

companhiadasilhas.lda@gmail.com

www.companhiadasilhas.pt